

Tancredo num beco sem saída

São Paulo — Tancredo Neves não poderá ficar durante muito tempo mais recebendo alta concentração de oxigênio puro, insuflado em seus pulmões sob alta pressão. Mas tão pouco suportará a redução dessa pressão, ou um menor índice de concentração de oxigênio. Este era, ontem de manhã, o grande dilema que a equipe médica chefiada pelo Dr. Henrique Walter Pinotti enfrentava.

De madrugada, os médicos tentaram reduzir a pressão do equipamento de respiração artificial mas logo o presidente da República entrou em outra crise, com uma importante queda de pressão arterial e aceleração dos batimentos cardíacos. Era a demonstração de que a passagem de oxigênio dos pulmões para a corrente sanguínea ainda é muito deficitária.

Sem oxigênio em quantidade suficiente distribuído para o organismo, as células começam a morrer e os órgãos param de funcionar, levando o

paciente ao estado de coma e à morte por hipoxia, ou oxigenação insuficiente do organismo. Mas com altas concentrações de oxigênio, ou uma pressão excessiva aplicada sobre os pulmões, podem acontecer lesões pulmonares.

Foi nesta situação e com este dilema que o especialista norte-americano Warren Myron Zapol encontrou Tancredo Neves, as 10:15 h, quando chegou ao Instituto do Coração, vindo diretamente de Boston, nos Estados Unidos. A especialidade desse médico, que dirige o Centro Especial de Pesquisas sobre deficiências agudas da respiração do Hospital Geral de Massachusetts, e tratar do chamado "pulmão de choque" como acontece com Tancredo Neves, e dos pulmões prejudicados pelo tratamento em unidades de terapia intensiva.

Ele ouviu, dos médicos paulistas, uma explicação detalhada a respeito do caso clínico de Tancredo Neves, desde sua internação e primeira

cirurgia até o momento em que chegou ao Instituto do Coração.

Soube, por exemplo, que o presidente já entrou no Hospital de Base com um quadro de infecção intestinal até hoje não controlada pela equipe de bacteriologistas paulistas e que apesar de os rins de Tancredo Neves já não funcionarem, de sua alimentação ser parenteral, de seu sistema cardiovascular já estar apresentando alterações face aos inúmeros problemas, o que mais preocupa os médicos daqui é o problema dos pulmões, com uma infiltração no tecido intersticial e já sem capacidade de processar todo o oxigênio de que o organismo necessita.

Os médicos também relataram ao norte-americano que, na quinta-feira, o presidente da República chegou ao ponto mais crítico de sua moléstia, em que eles próprios já não acreditavam na recuperação quando a pressão do oxigênio em seu sangue era in-

ferior ao índice mínimo que leva os pacientes ao estado de coma. Com uma insuflação de oxigênio sob alta pressão, no entanto, conseguiram contornar temporariamente o problema.

A pressão do presidente da República era mantida, com o uso de medicamentos, em 12 por sete. Seu corpo permanecia resfriado, com a temperatura agora rebaixada para 33 graus. Seu coração, depois da crise da noite, voltou a bater 90 vezes por minuto, o índice de oxigenação de seu sangue era de 54 (o ideal é 80, e abaixo de 40 a situação torna-se crítica) MM/HG. Depois da diálise, seu índice de creatinina desceu para 1,9 (até 1,2 é normal) e o da uréia no sangue caiu para 80 (ainda acima do normal, de 40). Mas ainda era submetido à técnica do super-peep ("super positive end expiratory pressure"), que aplicava a sua expiração uma pressão de 20 milímetros de água, para forçar seus alvéolos a permanecerem abertos.